



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ INGLÊS**

ÁVILA TAINÁ CABRAL DA SILVA

**SHERLOCK HOLMES E HOUSE: A INTERTEXTUALIDADE ACERCA DO CONTO
E DA SÉRIE**

GUARABIRA

2019

ÁVILA TAINÁ CABRAL DA SILVA

**SHERLOCK HOLMES E HOUSE: A INTERTEXTUALIDADE ACERCA DO CONTO
E DA SÉRIE**

Artigo de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras Inglês da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciada em
Letras Inglês

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Profa. M^a Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Avila Taina Cabral da.
Sherlock Holmes e House [manuscrito] : a intertextualidade
acerca do conto e da série / Avila Taina Cabral da Silva. -
2019.
32 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida
Vasconcelos, Departamento de Letras - CH."
1. Intertextualidade. 2. Sherlock Holmes. 3. Comparação.
4. House. I. Título

21. ed. CDD 810

ÁVILA TAINÁ CABRAL DA SILVA

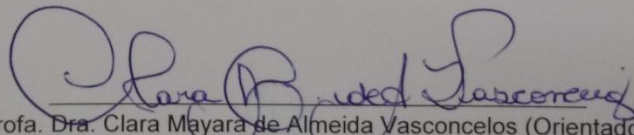
SHERLOCK HOLMES E HOUSE: A INTERTEXTUALIDADE ACERCA DO CONTO
E DA SÉRIE

Artigo de Conclusão apresentado ao
Curso de Graduação em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Licenciada em Letras Inglês.

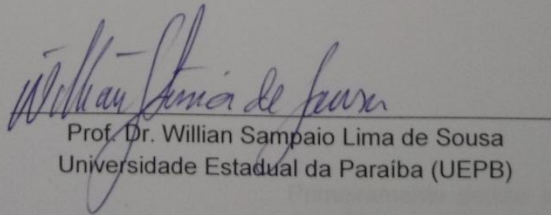
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 04/06/2019.

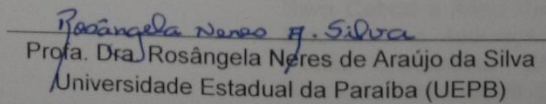
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente dedico a Deus, pelo dom da vida, e pelas maravilhas que me concede, aos meus pais, Ana Kássia da Silva Cabral e Almir Cabral da Silva, por todo amor e dedicação para comigo, a minha orientadora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos pela dedicação e amizade e a todos os meus amigos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. House deduzindo sintomas.....	06
Figura 2. House primeiro episódio – Pilot (Everybody lies).....	23
Figura 3. House e Rebecca Adler.....	26
Figura 4. House e Lisa Cuddy conversando no elevador.....	27
Figura 5. House fazendo uso da bengala.....	28
Figura 6. Sherlock Holmes com seus acessórios.....	29
Figura 7. House e Wilson.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 SURGIMENTO DO PERSONAGEM SHERLOCK HOLMES.....	10
3 INTERTEXTUALIDADE.....	14
4 UMA NOVA VERSÃO DE SHERLOCK HOLMES.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

SHERLOCK HOLMES E HOUSE: A INTERTEXTUALIDADE ACERCA DO CONTO E DA SÉRIE

Ávila Tainá Cabral da Silva*

RESUMO

A maioria dos filmes, séries e mídias audiovisuais são frutos de releituras das obras literárias, as conhecidas adaptações, muitas delas ao serem reproduzidas, aderem a um novo contexto, mas ainda assim, se faz em perceptível ao público tais similaridades. Atribui-se a essas releituras, a noção intertextual dos elementos e se faz comum ao notar a relação entre obras e mídias distintas o uso da comparação, prática comum na literatura. Tendo como base, o conceito de intertextualidade apontado por Kristeva (1969) e sobre o comparativismo apontado por Buesco (2001) iremos fazer uma análise acerca desses elementos sobre os personagens de Sherlock Holmes, mencionado no conto "Um Escândalo na Boêmia" de Arthur Conan Doyle (1891) e House, protagonista do seriado norte-americano House M.D., de 2004, criado por David Shore, um dos apreciadores das obras de Sir Arthur Conan Doyle.

Palavras-chave: Intertextualidade. Sherlock Holmes. Comparação. House.

ABSTRACT

Most of the films, series and audiovisual media are the fruits of re-reading of the literary works, the known adaptations, many of them when reproduced, adhere to a new context, but still, it becomes perceptible to the public such similarities. The intertextual notion of the elements is attributed to these re-readings, and it is common to note the relation between works and different medias the use of comparison, a common practice in literature. Based on the concept of intertextuality pointed out by Kristeva (1969) and on comparativeism pointed out by Buesco (2001) we will make an analysis about these elements about the characters of Sherlock Holmes mentioned in Arthur Conan Doyle's tale "A Scandal in Bohemia" (1891) and House, the protagonist of the US House MD series of 2004 created by David Shore, one of the admirers of the works of Sir Arthur Conan Doyle.

Keywords: Intertextuality. *Sherlock Holmes*. Comparison. *House*.

* Aluna de Graduação em Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: avilataina@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o campo da literatura é muito abrangente e nele são inseridas inúmeras informações como, por exemplo, fatos históricos ocorridos em épocas distintas, mudança no estilo de vida e comportamento social, conhecimentos específicos de determinadas áreas de conhecimento entre outras possibilidades. A prática da leitura proporciona ao ser humano, novas descobertas, uma noção mais ampla de diversos saberes contribuintes para a formação do indivíduo como sujeito social capaz de interferir e participar dos acontecimentos que definirão a direção da sociedade.

Tendo como base a importância da leitura, é visto que a literatura é de suma importância para concretização do saber, por meio da produção de diversas obras literárias que são formados leitores aptos, pois a literatura envolve inúmeras temáticas. Sem isso, não seriam possíveis o avanço em diversas áreas, como na educação, saúde e tecnológica.

A mesma pode apresentar-se também de cunho prazeroso, como forma de entretenimento, sendo muitas vezes vista como uma fuga da realidade, mesmo que por poucos minutos e, para isso, através delas, autores mostram suas respectivas opiniões sobre temas específicos ou revestem-se de inspiração para criar novas histórias. A literatura é rica em gêneros não sendo restrita apenas a um, correspondendo às necessidades e expectativas do público em relação às obras literárias.

Em decorrência dos vários modelos literários, é comum que se tenha a influência de uma ou mais obras sobre outras, ou seja, os elementos que são descritos em um texto podem ser notados em outros, com contextos parecidos ou dissemelhantes. Para isso, existe o conceito de intertextualidade que explora exatamente as relações de um texto em outro.

Neste artigo, será analisada a intertextualidade entre um dos contos que remetem ao romance policial escrito por Sir Arthur Conan Doyle, com o famoso Sherlock Holmes e a série norte-americana criada por David Shore, intitulada House M.D., evidenciando e comparando as referências intertextuais explícitas entre os personagens, além dos demais elementos legíveis no conto e no seriado, reportando que uma obra pode ser readaptada a um novo contexto e formato de mídia. Para que esta análise seja feita, alguns nomes como citados ao longo do artigo, exemplos

como: (Kristeva), (Carvalho), (Buesco), (Eco) como base conceitual para os exemplos aqui demonstrados.

2 SURRIMENTO DO PERSONAGEM SHERLOCK HOLMES

Em 1887, a literatura inglesa ganhava destaque com o surgimento de um personagem que ganhou repercussão a nível mundial, no qual os leitores impulsionaram o autor a dar continuidade aos romances e contos. Sherlock Holmes apareceu pela primeira vez no romance *Um Estudo em Vermelho* (1887). Sua aparência marcante e seus acessórios mais conhecidos – uma lupa, um cachimbo e um chapéu – conquistaram o público com a primeira publicação no formato de uma revista de bolso intitulada *Beeton's Christmas Annual*.

O romance de Sir Arthur Conan Doyle *Um Estudo em Vermelho* introduziu Sherlock Holmes ao público leitor em 1887, mas o grande sucesso de Holmes, o superperceptivo cientista amador que soluciona casos com mais eficácia do que os detetives policiais, realmente remonta à série de contos publicados em 1891 em a revista *Strand*. Conan Doyle (1859-1930) se ressentia de ser considerado apenas como o criador de Holmes, mas foi nessas histórias que ele captou a imagem de uma Londres nebulosa e desordenada, uma cidade de caos, mistério e assassinato, que sempre continuará a ofuscar qualquer visão maior de seu trabalho (SANDERS, 1994, p. 470)¹.

Anos mais tarde, na revista *Strand Magazine*, havia sido publicado o conto “Um escândalo na Boêmia” (1891) onde deu início à fama das histórias criadas por Conan Doyle. No período em que surgiu o personagem Holmes, os ingleses empenhavam-se em uma criação de métodos de segurança capacitada a lidar com os problemas sociais, por meio de uma força policial tecnicamente apta, de modo que fossem treinados para prevenir ações criminosas e a utilização de recursos tecnológicos para as investigações. Pode-se afirmar que esse fator tenha servido de inspiração para as histórias de Conan Doyle, já que o mesmo vivia na sociedade com esse modelo de segurança, que servia de exemplo para outros países.

Sir Arthur Conan Doyle (1859 – 1930) foi um médico e escritor inglês muito famoso por ter contribuído para a literatura policial e com outros gêneros literários e

¹ “Sir Arthur Conan Doyle’s story *A Study in Scarlet* introduced Sherlock Holmes to the reading public in 1887, but the vast success of Holmes, the superperceptive scientific amateur who runs rings around plodding police detectives, really dates from the series of short stories published from 1891 in the *Strand Magazine*. Conan Doyle (1859-1930) resented being thought of solely as the creator of Holmes, but it was in these stories that he captured an impression of a foggy, disordered London, a city of mayhem, mystery, and murder, which will always continue to overshadow any larger view of his work” (SANDERS, 1994, p. 470).

artes, mas foi com a criação de Sherlock Holmes e seu parceiro Dr. John Watson que ele ficou famoso por seus livros; ao todo, totalizando sessenta histórias, sendo elas quatro romances e cinquenta e seis contos que eram baseados em situações cobertas por mistérios, envolvendo crimes que para a polícia já haviam sido encerrados e considerados sem solução.

Doyle não estava mais satisfeito com as narrativas e resolveu dar um fim a seu personagem principal com intuito de dedicar maior parte de seu tempo a escrever sobre assuntos que, para ele, tinham mais importância. Sendo assim, decidiu matar Holmes, a qual parecia a melhor opção, mas o público não aceitou tal decisão por parte do autor e o pressionaram para que ele retomasse com os casos do detetive.

Conan Doyle viu-se obrigado a dar continuidade e mudou a versão original para uma que afirmasse que Holmes não havia sido morto e assim deu continuidade a suas histórias que foram escritas no decorrer de quarenta anos. Tendo iniciado no ano de 1887 a 1927, até hoje mantém destaque na literatura da época vitoriana, a qual ganhou tanta notoriedade que foi feito um museu em Londres dedicado ao detetive. O museu está situado no endereço mencionado nas obras, “Baker Street” com número “221b”. O museu é nomeado The Sherlock Holmes Museum e muitos turistas passam para conhecer o local.

Sherlock Holmes é um detetive fascinado por criminologia. Além disso, ele demonstra ter conhecimento em várias outras áreas como, por exemplo: em química – gostava de fazer experiências; conhecimentos botânicos e venenos em geral; noções de estudos geológicos; também conhecia sobre anatomia e literatura sensacionalista. O detetive também era um exímio praticante de esgrima, além de ser boxeador e espadachim, sabe tocar violino e tem conhecimentos das leis. Tinha vícios, fazia uso descontrolado de cigarro e muitas vezes injetava cocaína para manter-se acordado.

Ele dedica a maior parte do seu tempo a estudos de crimes antigos – demonstrando sua paixão pela investigação criminal – que foram postos de lado pelos policiais, considerando-os insolucionáveis. A partir disso, analisa cada pista deixada pelo suspeito ou pela vítima, com um olhar mais aguçado que através da dedução dos fatos ocorridos durante o crime, levam-nos às causas e, conseqüentemente, aos suspeitos.

O personagem quando está envolvido em algum caso, torna-se muito detalhista e discreto, além desta ser uma característica comum e estratégica para ele e para a maioria dos investigadores, pois ele faz deduções de maneira mais eficiente em relação aos demais.

Ele utiliza-se da discrição e de seu elevado nível de raciocínio lógico para espionar os mistérios que pairam pelos ares nos locais que foram inseridos, desde conversas até a comunicação entre gestos, manchas de sangue, resíduos e impressões digitais deixadas e outras expressões ou objetos que os levariam a um julgamento dos fatos sucedidos, a fim de descobrir suspeitos que os levam a crimes ocorridos.

A eficiência lógica dele ultrapassa as demais do século XIX, haja vista que ele estava ciente de que a precisão intelectual faria toda a diferença em sua profissão e o distinguiria dos demais que apresentavam o raciocínio lógico mais baixo do que o do mesmo que, conseqüentemente, não conseguiam alcançar o objetivo principal, ou seja, solucionar os casos de assassinato.

Outra característica marcante é o disfarce e a imitação que em diversas vezes ele viu-se obrigado a caracterizar-se de alguém para investigar melhor o caso, mas fazia de modo perspicaz e convincente, mais um de seus diferenciais, já que o período não disponibilizava equipamentos tecnológicos necessários para as investigações.

Estava sempre acompanhado de seu melhor amigo, Dr. Watson, que era formado em medicina. Essa amizade iniciou-se ao serem apresentados por um antigo conhecido de Watson, inicialmente com a pretensão de apenas dividir um apartamento com o mesmo, de número 221B localizado na Baker Street, e fizeram uma grande amizade. Os dois estavam sempre juntos nos casos de investigação e vivendo as mais inusitadas aventuras.

Devido à aceitação do público e a fama que ganhou, as obras protagonizadas por Sherlock Holmes não se limitaram apenas aos romances e contos escritos no século XIX. Com o sucesso das histórias, foi-se aderindo a outras artes contando, atualmente, com mais de duzentas adaptações para o cinema.

Sherlock Holmes é uma das obras que obteve mais versões em vários formatos de mídia, o qual já foi adaptado para o teatro, quadrinhos, séries, algumas dessas apresentando características mais próximas às empregadas por Conan Doyle a narrativa, e outras mais distantes, mas também inspiradas nas mesmas,

perdurando na atualidade, fazendo com que Holmes seja lembrado no século XXI e em diversas versões extraliterárias.

Uma das versões mais populares das adaptações de Sherlock Holmes foi protagonizada pelo ator americano Robert Downey Jr., também conhecido por seus papéis nos filmes da Marvel, ao interpretar o personagem Homem de Ferro. Downey Jr. protagonizou dois filmes com o personagem, sendo o primeiro lançado no ano de 2009, chegando às telas dos cinemas brasileiros no início de 2010.

Outra produção que ganhou destaque entre o público foi à série *As aventuras de Sherlock Holmes*, estreada em 1984 e contou ao todo com quarenta e um episódios gravados ao longo de dez anos, que não pôde ter continuidade devido ao falecimento do ator que interpretava ao papel de Holmes, pois alegaram não ter sentido substituí-lo por outro ator, mesmo tendo a intenção de fazer episódios com as 60 histórias.

Existem ainda vários outros exemplos de séries baseadas nos romances e contos de Holmes como, por exemplo, a série *Elementary* que conta com a participação dos dois personagens mais vistos, Holmes e Watson, mas que, dessa vez, sua companhia de todas as horas é uma mulher. O período relatado na série também não é o mesmo, não se passa no fim do período vitoriano, uma vez que os casos são trazidos para o século XXI. Outra série que apresenta semelhanças é a produção norte-americana *House, M.D.*, ou como é conhecida no Brasil por Dr. House, com autoria de David Shore. A série foi ao ar no ano de 2004 e durou até o ano de 2012, com exibição através do canal Fox, e é apresentada em oito temporadas, totalizando 177 episódios.

O Dr. Gregory House, é interpretado, na série, pelo ator britânico Hugh Laurie. Sendo especialista em infectologia e nefrologia, ele dedica sua vida a fazer diagnósticos de doenças difíceis de tratar e, até mesmo de serem descobertas, por meio do histórico dos pacientes que dão entrada no hospital universitário, onde o mesmo trabalha e tem patente importante.

Além das similaridades acerca dos nomes, Holmes e House, apresentam várias outras características que nos induzem a perceber essas semelhanças desde os aspectos comportamentais até mesmo o suposto endereço residencial. Este presente artigo tem como objetivo fazer uma equiparação entre os dois personagens apresentados em épocas distintas e em outros contextos e formatos de mídia.

3 INTERTEXTUALIDADE

O ser humano necessita do uso do diálogo como principal meio de comunicação e através desse meio surgem diferentes tipos de linguagens como forma de expressão como, por exemplo, textos científicos, literários, cinematográficos, publicitários, entre outros. A comunicação abrange a relação entre os seres e possibilita uma nova visão sobre o que nos cerca; isso contribui para as relações, pois é através do diálogo que vivenciamos novas experiências, captamos novos conceitos e avistamos novas possibilidades.

Existe uma pluralidade de recursos que são utilizados como canal para a transmissão de saberes/informações, além dos conhecimentos científicos. Podemos mencionar a forma como a diversidade cultural incluída nos meios das linguagens, sejam elas verbais ou não verbais. A linguagem, seja ela verbal ou não verbal, representa o seu contexto de produção, mas também a intensão comunicativa que o emissor deseja causar no receptor.

[...] O funcionamento de um texto (mesmo não verbal) explica-se levando em consideração, além ou em lugar do momento gerativo, o papel desempenhado pelo destinatário na sua compreensão, atualização, interpretação, bem como o modo com que o próprio texto prevê essa participação (ECO, 1995, p. 02 apud GOMES, 2002, p. 08).

A forma como apreendemos as mensagens proporcionará situações diversas de atualização de nosso conhecimento que influenciam nas decisões cotidianas que, por intermédio da interpretação, capacitam a solucionar e compreender as motivações para essas atitudes as quais refletirão na vida do indivíduo e essa capacidade permitirá a ampliação dos saberes e reforçará as argumentações.

O uso da comparação está diretamente ligado às ações inseridas no cotidiano da sociedade, sendo ela manifestada em áreas diferentes e apresentando mais de uma finalidade, podendo ocasionar tanto impactos negativos quanto impactos positivos. O que determinará esse efeito será a maneira a qual tenha sido atribuída à comparação se for o caso, o grau da crítica e principalmente a forma de interpretação referida a determinado assunto.

Na literatura não é diferente, por meio dela podemos perceber e analisar diversos aspectos em comum compartilhados por duas ou mais obras; ou entre a literatura e outras linguagens. Embora também apresentem elementos diferentes em sua estrutura, pois, dependendo do contexto que tenham sido inseridos e o objetivo

que se queira atingir, uma segunda obra pode trazer traços diferentes, o que caracteriza atualização do texto como resultado da interpretação, assim como observou Eco (1995) na citação acima. Percebe-se que a ação de comparar, está associada ao ato de leitura e da escrita.

[...] não é possível ler senão comparativamente (ou seja, racionalmente) [...] não se trata tanto da opção entre comparar e não comparar [...] Não há de fato como não comparar. Toda leitura é ativação, partilha e 'cooperação interpretativa' [...] (BUESCU, 2001, p. 23).

Um dos objetivos da leitura é somar novas informações/conhecimento ao que já se tem, trata-se da aquisição de novas ideias e abrangê-las fornecendo novas possibilidades, visando à formulação de novas hipóteses e análises críticas sobre diversas temáticas, o que se caracteriza por ser um ato comparativo.

Nesse processo comparativo que caracteriza a leitura, seja de um texto verbal ou não verbal, o leitor relaciona as suas leituras prévias de outras obras literárias com o novo texto que está em contato. Assim, as semelhanças e diferenças entre as obras emergem a partir do momento em que o leitor observa as escolhas feitas na tessitura do segundo texto, onde as características que unem as obras podem apresentar-se de maneira mais objetiva ou subjetiva.

Uma vez que toda leitura é comparativa, observa-se que na organização de um texto há a presença de outro ou outros. Um texto sempre traz a presença da voz de uma obra ou de várias outras, pois faz parte do arsenal de leitura do seu criador e, por isso, uma nova obra representa relação entre dois ou mais textos.

Este fato pode ser observado quando Kristeva (1969, p. 146 apud CARVALHAL, 2006, p. 51) afirma que “[...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla”.

Foi a partir dos estudos bakhtinianos sobre diálogos presentes nos textos que surgiu a inquietação sobre a presença de mais de uma voz no mesmo texto. Este fato é muito comum nas obras literárias e de grande relevância acerca da compreensão das mesmas, pois suscita interpretações de elementos que muitas vezes aparecem de forma indireta e levam o leitor a ir mais longe e descobrir esses elementos implícitos presentes nas obras, o que chamamos de intertexto.

Entretanto, não foi Bakhtin quem formulou o conceito de intertextualidade, mas suas observações contribuíram diretamente para o surgimento desse conceito, pois ele já afirmava que toda obra literária depende diretamente de elementos

presentes em outras; a confirmação de uma fala se dá por meio de outra que já tenha sido dita por alguém, ou seja, nenhuma fala é totalmente original, a ponto de não ter sido afirmada de modo semelhante por outra pessoa anteriormente.

Até que ponto a palavra pura, sem objeto, unívoca, é possível na literatura? Uma palavra na qual o autor não ouvisse a voz do outro, na qual houvesse somente ele, e ele por inteiro – tal palavra pode tornar-se material de construção de uma obra literária? A qualidade de objeto, em certo grau, não é a condição necessária de todo estilo? O autor não se mantém sempre fora da língua que lhe serve de material para a obra? O escritor (mesmo no lirismo puro) não é sempre um “dramaturgo”, no sentido de que redistribui todas as palavras entre as vozes dos outros, incluindo-se nelas a imagem do autor (assim como as outras máscaras do autor)? (BAKHTIN apud SOUZA, 1992, p. 337).

O conceito de intertextualidade surgiu tempos depois com influência direta dos estudos realizados por Bakhtin sobre dialogismos, mas foi formulado por Julia Kristeva. Desde então o termo tornou-se mais abrangente e adaptado por outros autores sendo o mesmo utilizado não apenas na relação entre textos literários, podendo ser aplicado a análise da literatura com outras linguagens.

Através dos numerosos estudos referentes ao conteúdo, podemos assimilar que a definição de intertextualidade ocorre quando há a percepção de um texto inserido no contexto de outro, ou seja, é quando ocorre um diálogo entre os mesmos contendo uma ou mais vozes interagindo com a voz do escritor. Isso fará com que o receptor compreenda as intenções do autor, que podem corresponder ou não às expectativas do leitor.

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte, um determinado conjunto de idéias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada um de modo diferente (BAKHTIN apud SOUZA, 1981, p. 235).

A interpretação de texto é indispensável para o entendimento intertextual, para que se tenha uma maior compreensão dos elementos presentes na relação entre as obras e as características expressas por eles e que estão em partilha, se faz necessário também que o indivíduo disponha de um amplo conhecimento de mundo. Pois, decorrente disso, o mesmo estará apto à percepção acerca das manifestações culturais, similaridades, discordâncias e outras características reveladas entre os fatos, e experiências contidas nas temáticas.

A intertextualidade pode ser observada na forma implícita e na forma explícita. Como o próprio nome sugere, a forma implícita ocorre quando o intertexto

apresenta-se subjetivamente, o leitor precisará de uma visão mais aguçada referente à análise e conhecimento sobre o texto-fonte.

A intertextualidade explícita é notada de forma mais espontânea e objetiva, nela são feitas e facilmente notadas às referências entre os diálogos, citações, entre outras características, entre os textos sem precisar de maiores exigências cognitivas, intencionalmente é compreensível por intermédio do senso comum.

Neste exemplo, podem-se perceber as várias adaptações cinematográficas, paródias e tantas outras artes que foram reconfiguradas em um novo suporte de mídia com referências literárias e obras que foram influenciadas por outros autores. Assim, sucessivamente, reforça-se que os textos dialogam entre si e toda fala é confirmada por outra similar, para que haja o diálogo; sendo este o fator contribuinte para expansão do conhecimento e entendimento expresso pelo homem.

4 UMA NOVA VERSÃO DE SHERLOCK HOLMES

Com base na perspectiva de Bakhtin referente aos diálogos entre textos e pelo conceito de intertextualidade desenvolvido por Kristeva, sabe-se que um texto está sempre dialogando com outro, de maneira explícita ou implícita, como uma forma de complementar o que fora usado como referência. Destarte, atribui-se destaque a um assunto relevante, ao adaptar/transformar um texto em uma nova versão, apoiando-se na temática ou até mesmo manifestando uma visão contrária ao conteúdo mencionado.

Sendo assim, nenhum texto é totalmente “novo”, pois sempre estabelece, de forma direta ou indireta, uma relação com um texto anterior e o leitor esta sempre fazendo inferências a partir das referências que observa entre os textos, uma vez que:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso (CARVALHAL, 2006, p. 07).

A partir dessa noção e através da propagação dos recursos tecnológicos, novos meios foram criados e aprimorados, os quais colaboram para a expansão dessas relações intertextuais, não os limitando apenas a literatura. Dessa forma as novas mídias, que congregam outros sistemas semióticos de linguagem, facilitam ao

público a percepção da relação de representação de uma ou mais obras por meio de outras. Assim, a obra literária pode ser refletida em diversos outros gêneros e artes.

É muito comum atribuir-se às obras literárias novas versões, que podem ser relacionadas ao mesmo contexto ou serem inseridas em cenários diferentes. Mas em todos os exemplos, haverá similaridades e distinções entre a versão dada como original e a adaptação de forma que seja compreensível o envolvimento entre ambas.

Neste momento, serão evidenciadas as relações entre a obra literária Sherlock Holmes: Um Escândalo na Boêmia e a série televisiva norte-americana House M.D., analisando de que maneira elas estão correlacionadas e como o diálogo entre elas é promovido. As obras que retratam o personagem Holmes, foram criadas pelo médico e escritor britânico, Sir Arthur Conan Doyle, e obteve grande repercussão que impulsionou o autor a dar continuidade aos contos.

Posteriormente, a sua obra foi adaptada para outras linguagens extraliterárias, tais como o cinema e ganhou também o formato de séries que, totalizando, somam mais de duzentas versões diferentes do detetive. Dessa forma, ela se faz reconhecida no mundo audiovisual por ser uma das obras com mais adaptações.

Por sua vez, a série House M.D. tem como cenário um hospital-escola nomeado Princenton-Plainsboro, situado em Nova Jersey. O protagonista chama-se Gregory House, que exerce suas habilidades médicas de maneira peculiar, onde já se estabelece um diálogo com a vida e obra de Doyle, quando o personagem principal exerce a mesma função que o autor da obra na qual a série foi inspirada.

Foi no final do século XIX e início do século XX, que o médico e escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle transformou suas ideias em um romance policial que daria origem ao famoso personagem Sherlock Holmes, o mesmo apareceu pela primeira vez em 1887 e conquistou o público de várias localidades mundiais. O perfil do mesmo é notado ao decorrer dos romances nos quais são expressos traços referentes à personalidade e comportamento de Holmes.

Fica evidente para o leitor que o personagem reveste-se de arrogância e falta empatia em relação às pessoas; demonstra-se frio e antissocial. Seu círculo de amizade resume-se a Watson, com quem divide o apartamento, e também é obsessivo no que diz respeito aos casos que tenta solucionar.

Essas características são compartilhadas por House, que também possui um comportamento arrogante e seu círculo de amizades também é pequeno, restringindo-se a Wilson (que é a representação de Watson na série, com quem também dividirá um apartamento quando o médico retorna da reabilitação, além de Wilson ser um amigo inseparável e, como o próprio House reconhece em um dos episódios da série, completar o pensamento do médico, levando-o a desvendar os mistérios dos casos de seus pacientes); os outros médicos que compõem o grupo de investigações clínicas que o mesmo coordena; e Lisa Cuddy que seria a Irene Alder de House, o seu interesse amoroso.

Com base nos conhecimentos acerca da intertextualidade explícita, de acordo com Koch (2007), compreende-se que este exemplo se dará quando existir uma referência direta de uma obra em outra, ou seja, ocorre quando se faz perceptível a participação de um dos fragmentos mencionados por um autor, em outras obras e/ou suportes quais tenham sido citados. Alguns se apresentam dentro do mesmo contexto em relação ao texto-fonte; outros podem ser submetidos a reajustes em relação ao contexto, dependendo da intenção que se tenha correspondente a transcrição.

Um exemplo a ser atribuído a esse conceito é a homologia entre Holmes e House, que foram idealizadas em épocas diferentes, onde Holmes surgiu primeiro e tempos mais tarde obtiveram-se várias adaptações em decorrência da aceitação da mesma. House é uma transcrição de um dos detetives mais conhecidos do mundo, para um novo formato de mídia e pertence a um novo contexto, vejamos algumas dessas similaridades.

Os dois personagens em questão apresentam grande competência intelectual e cognitiva, ambos utilizam-se da metodologia científica e da lógica dedutiva para exercer suas respectivas profissões. Holmes, um na área criminalística, está sempre atento às pistas, com finalidade de descobrir as causas reais dos crimes e as motivações que levaram os suspeitos a cometerem o homicídio, solucionando esses problemas em relação a segurança pública.

House, na área da saúde, usava as mesmas habilidades para fazer diagnósticos complicados, de enfermidades raras em pacientes que já estavam em estado de saúde crítico, que muitas vezes passava despercebido aos outros médicos, tentando solucionar os enigmas da medicina. Ambos passavam tempos

estudando e analisando os fatos, escrevendo dados e sintomas, cuja finalidade era chegar a uma conclusão precisa.

Depois postou-se diante da lareira e olhou-me com seu jeito singular e introspectivo.

— O casamento foi bom para você — disse ele. — Creio, Watson, que você pesa mais três quilos e meio desde a última vez que o vi.

— Três — respondi eu.

— Deveras? Julguei que fosse um pouco mais. Um pouco mais, Watson. Bem, vejo que está trabalhando de novo, mas não me tinha dito que pretendia voltar à sua profissão.

— Como é que sabe então?

— Vejo que sim, deduzo-o. Como é que sei que tem apanhado muita chuva nestes últimos dias e que tem uma empregada bronca e descuidada?

— Caro Holmes — disse eu —, isso é demais. Você certamente teria sido queimado vivo se tivesse vivido uns séculos atrás. É verdade que fui passear no campo na quinta-feira e voltei molhadíssimo, mas como já mudei de roupa não sei como é que descobriu. Quanto à empregada, é incorrigível, e minha mulher já a despediu, mas mesmo assim não sei como o adivinhou.

Ele riu satisfeito e esfregou as mãos nervosamente.

— É a coisa mais simples — retorquiu. — Vejo que do lado de dentro do seu sapato esquerdo, justamente onde a luz do fogo incide, o couro está marcado com seis cortes paralelos. É claro que os cortes foram feitos por alguém que descuidadamente raspou a beira das solas dos sapatos para remover a lama nelas grudada. A partir daí compreenderá minhas deduções duplas, de que esteve fora com mau tempo e que tem uma espécie de empregada particularmente incompetente para limpar os sapatos. Quanto à sua profissão, se um cavalheiro entrar nos meus aposentos cheirando a iodofórmio, com uma mancha de nitrato de prata na ponta do polegar direito e uma saliência na cartola que mostra onde escondeu seu estetoscópio, devo ser muito obtuso se não o reconheço como membro ativo da profissão médica. (DOYLE, 1891)²

Como podemos observar no fragmento retirado do conto “Um Escândalo na Boêmia” , publicado em 1891, nos faz perceber as habilidades de Holmes em deduzir apenas ao observar os traços físicos das pessoas, assim como fez com seu amigo Watson, no qual foram reveladas várias informações do seu atual estado causando espanto até mesmo ao seu fiel amigo.

² Todas as citações foram tiradas do site **Mundo Sherlock**. Disponível em: <https://mundosherlock.wordpress.com/canon_e/arthur-conan-doyle-as-aventuras-de-sherlock-holmes-1892/um-escandalo-na-boemia/>. Acesso em 20 de maio de 2019.

Figura 1: House deduzindo sintomas no quadro



Fonte: **SimplesMente**³

A figura acima, nos remete aos méritos do renomado infectologista e nefrologista Gregory House. O mesmo atende cotidianamente pessoas com doenças raras, com causas inicialmente desconhecidas e o jeito do mesmo exercer a medicina causa estranhamento em muitos, inclusive entre seus colegas de profissão mas isso também é o que lhe atribui fama, os métodos fogem do tradicionalismo.

Para diagnosticar esses pacientes com enfermidades raras, o infectologista faz a junção dos sintomas apresentados pelos pacientes e recorre a procedimentos nada convencionais que induzem à exatidão do diagnóstico, ou seja, ele investiga cada sintoma até chegar ao diagnóstico correto; assim como faz um detetive analisando provas que levem as circunstâncias remetentes as investigações. Este fato remete a uma observação feita por Doyle acerca de seu professor Joseph Bell:

Quando eu era estudante, havia um velho professor chamado Bell, que possuía um raciocínio dedutivo extremamente eficiente. Ele olhava o paciente e, sem que ele abrisse a boca, conseguia fazer um diagnóstico da doença, a origem do paciente, sua ocupação e outras coisas apenas com seu poder de observação. Então, foi natural para mim perceber que pessoas científicas como Bell poderiam lidar com assuntos detetivescos (DOYLE, 1927 apud COSTA, 2016, p. 10).

House traz consigo as características do comportamento que Holmes lê os “[...] signos e os interpreta de acordo com um processo que combina a dedução

³ Disponível em: <<http://revistasimplesmente.com.br/a-importancia-do-diagnostico-diferencial/>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

lógica com saltos da imaginação” (SANDERS, 1994, p. 470)⁴. Dessa forma, tem-se a mesma capacidade dedutiva, todavia é aplicada não à investigação criminal, mas à solução de quadros clínicos que nenhum outro médico seria capaz de fazê-lo.

Ele nota os sinais que muitas vezes são tratados como irrelevantes ou até mesmo que passam despercebidos, assim como faz o detetive Sherlock Holmes, pois faz questão em avaliar cada pista detalhadamente, considerando os mínimos detalhes. House e Holmes observam todos os aspectos que possam se tornar uma referência importante nos casos. Esse procedimento de averiguar as pistas detalhadamente os diferencia dos demais no que diz respeito ao seu trabalho, atribuindo-lhes ainda mais renome. Observemos:

Todavia, creio que minha vista é tão boa quanto a sua.
 — Perfeitamente — respondeu ele acendendo um cigarro e atirando-se numa poltrona. — Você vê, mas não observa. A distinção é clara. Por exemplo, você tem visto muitas vezes os degraus que sobem do bali até este aposento.
 — Frequentemente.
 — Quantas vezes?
 — Bem, algumas centenas de vezes.
 — Então quantos são?
 — Quantos? Não sei.
 — Muito bem! Você os viu. Mas não os observou. Aí está a minha vantagem. Eu sei que há dez degraus, porque vi e observei. (DOYLE, 1891).

Este fragmento retirado do conto “Um Escândalo na Boêmia”, em que Watson e Holmes estão conversando, pode-se notar que Holmes ressalta o seu grande diferencial, entre Watson e os demais, acerca da dedução se dar através da observação. Ele tira as suas conclusões à medida que vai observando as coisas, que muitas vezes fogem de uma observação não tão apurada se não for vista de forma minuciosa.

⁴ “Holmes reads signs and interprets them according to a process which combines logical deduction with leaps of the imagination” (SANDERS, 1994, p. 470).

Figura 2: House primeiro episódio – Pilot (Everybody Lies)



Fonte: IMDb FREEDIVE⁵

A personalidade do médico remete ao caráter de uma pessoa fria, sem ética em relação à sua postura de atendimento; é muito sarcástico e trata as pessoas sempre com arrogância, mostrando-se pouco interessado no que diz respeito à afetividade alheia e até mesmo aos próprios sentimentos, visto, que desconfia de tudo e todos.

House não confia nos seus pacientes, nem nas pessoas que convivem com ele, e desafia-se constantemente. O médico sempre aceita casos raros e difíceis de serem tratados, como doenças desconhecidas ou em estágio terminal, averiguando cada fenômeno que ocorre nos organismos e causam as doenças, até chegar a conclusão do diagnóstico. Todo seu empenho em detectar casos raros não advém do desejo de ver a melhora do quadro clínico e ou qualidade de vida dos pacientes, mas para satisfazer seu próprio ego.

O vocabulário rudimentar usado pelo mesmo reforça a ideia de que House não possui empatia ao lidar com as pessoas ao exercer a profissão. Isso explica a falta de muitas amizades por parte do médico. Mesmo precisando conviver em sociedade, ele faz com que esse convívio seja muito estreito, pois não está preocupado com o que pensam ou sentem.

Muitas vezes deixa de responder até mesmo questões simples feitas pelos pacientes e pelos outros médicos. Este fato pode ser notado logo no primeiro

⁵ Disponível em:

<https://www.imdb.com/title/tt0606035/mediaindex?refine=nm0491402&ref_=ttmi_ref_nm>. Acesso em 25 de maio de 2019.

episódio da série quando House está conversando com sua equipe médica sobre o caso de Rebecca Alder, quando o Dr. Foreman o questiona no sentido de comunicar à paciente sobre seu quadro clínico, porém House o responde com desdém, alegando que ela não precisa tomar conhecimento, pois não é médica.

Essas características nos faz lembrar a procedência de Holmes, na maior parte do seu tempo, quando não está sozinho, o seu círculo de amizade é representado pelo seu amigo e antigo companheiro de quarto, Watson. Pois o detetive está sempre desconfiando dos outros e buscando motivos para justificar os possíveis ataques contra outras pessoas; outra característica marcante é a prepotência presente na fala e a falta de empatia para com a sociedade, assim como a excentricidade.

Ainda no conto “Um Escândalo na Boêmia”, que foi escrito em 1891 e agradou o público sendo atribuída a esse a alcunha de ser um dos contos mais famosos sobre o detetive e o qual ele fracassou nas investigações. O conto é narrado por Watson e descreve o envolvimento de Sherlock Holmes na investigação sobre uma mulher chamada Irene Adler, a pedido do rei da Boêmia, a qual despertou um interesse afetivo no detetive. A mesma é descrita pelo próprio Holmes como: *a mulher*, pois para ele, não se tratava de qualquer pessoa, mas sim de alguém que lhe chamou atenção por ter um nível intelectual compatível com o dele.

Irene Adler, era uma cantora de ópera de Nova Jersey, mas estava vivendo em Londres. Quando ainda era príncipe, o rei da Boêmia teve um caso amoroso com Irene e, no decorrer de cinco anos, viu-se assombrado com as consequências do passado, pois estava prestes a se casar com uma princesa; tratava-se da segunda filha do rei da Escandinávia, mas desestabilizou-se ao ter conhecimento de uma foto que pertencia a Irene Adler, do tempo em que ainda estavam juntos. Destarte, teve receio de que pudesse parar nas mãos de sua atual noiva, considerando um possível escândalo na Boêmia e o rompimento do compromisso matrimonial.

Após várias tentativas frustradas de recuperar a tal foto, o rei da Boêmia recorreu aos serviços de Holmes, pagando o que fosse necessário para que ele recuperasse a foto e o entregasse. Holmes, então, iniciou a investigação a respeito de Irene, disfarçou-se de cocheiro, colheu informações precisas sobre ela e junto com seu amigo Watson elaborou um plano para conseguir a foto. Mas os planos de

Holmes foram frustrados pela primeira vez, por uma mulher, antes que ele conseguisse a foto; o que o deixou mais impressionado.

Irene Alder já tinha conhecimento de suas intenções. Sendo assim, deixou uma carta e uma foto dela para Holmes, alegando saber de tudo o que estava acontecendo e que não iria enviar a foto para a noiva do rei, pois já estava casada. Porém iria continuar com ela por motivos de segurança.

Holmes ficou fascinado com a agilidade e inteligência de Irene, pois ela foi a única mulher que despertou o sentimento de paixão nele. Apesar de aparecer apenas nesse conto, ela é mencionada em outras histórias.

E foi assim que o reino da Boêmia foi ameaçado por um grande escândalo e que os melhores planos de Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher. Ele antigamente zombava da esperteza das mulheres, mas ultimamente não o tenho ouvido dizer mais nada. E quando se refere àquele retrato, é sempre sob o título honroso de a mulher (DOYLE, 1891).

No seriado, o primeiro episódio, intitulado “Pilot” também reconhecido “Everybody Lies” uma paciente dar entrada no hospital Princenton-Plainsboro, trata-se de uma jovem professora do jardim de infância com quadro clínico que exige muita atenção por parte da equipe médica e que vai tornando-se mais crítico ao decorrer dos dias. A paciente em questão é Rebecca Adler de Nova Jersey, interpretada pela atriz Robin Tunney, que apesar de estarem configuradas em formatos e em contextos diferentes, o sobrenome em comum faz-se perceber a representação da personagem referida no conto para a série televisiva.

Após apresentar dificuldades na fala e sofrer um ataque convulsivo, Rebecca fica internada em estado crítico; passa por vários procedimentos, mas seu quadro não apresenta melhoras. Depois de tratamentos não correspondidos, os médicos fazem um tipo de busca em lugares que ela frequenta, afim de encontrar uma causa para os problemas de saúde que está enfrentando.

Ao retornarem ao hospital, House e sua equipe reúnem-se mais uma vez para discutir sobre o caso da paciente. Através dos sintomas apresentados pela mesma e pela dedução de House acerca da ingestão de supostos alimentos, o infectologista chega a um raciocínio e para comprovar que está correto, ele pede para que façam exames, cujo resultado sai de acordo com suas expectativas, chegando ao diagnóstico correto sobre Rebecca.

No romance policial, Irene Adler é vista como o interesse romântico de Holmes, no seriado, a maior semelhança entre as personagens é notada através do sobrenome.

Para Sherlock Holmes, ela é sempre a mulher. Raras vezes o ouvi mencioná-la de outra maneira. Era de opinião que ela eclipsava e se sobrepunha a todas as outras mulheres, e isso não porque estivesse apaixonado por Irene Adler. Todas as emoções, particularmente o amor, aborreciam sua mentalidade admiravelmente equilibrada, fria e severa. [...] Entretanto, existia apenas uma mulher para ele, e essa mulher era Irene Adler, que lhe excitava o cérebro com dúvidas e indagações diversas. (DOYLE, 1891).

Para House, o seu único interesse é investigar e encontrar um diagnóstico para sua doença. O interesse romântico do médico se faz perceptível na personagem Lisa Cuddy, que é interpretada pela atriz Lisa Edelstein, sua chefe e administradora do hospital em que ele trabalha.

Figura 3: House e Rebecca Alder



Fonte: IMDb FREEDIVE⁶

Mesmo que de forma subjetiva, House, mantém sentimentos acerca de Lisa, mas ela não se deixa seduzir pelo médico. A imagem referencia a personagem criada por Conan Doyle, porém em contextos distintos em épocas diferentes a maior similaridade entre as duas se faz explícita no sobrenome. Neste contexto, a senhorita Adler é investigada em decorrência de um problema de saúde.

A ameaça se faz em relação à vida da própria personagem e não é vista como par romântico para o personagem principal, mas como objeto de pesquisa, e a

⁶ Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0606035/mediaviewer/rm4223402496>>. Acesso em 25 de maio de 2019.

maior curiosidade que a mesma apresenta em relação a House é em conhecê-lo. Diferentemente do contexto inserido no conto, onde Irene Adler é personagem que frustrou os planos de Holmes e mexeu com os sentimentos do detetive, era investigada a mando de um rei que se sentia ameaçado pela mesma. Todavia, há uma característica em partilha entre as duas personagens, pois ambas conhecem a fama dos investigadores.

Watson faz transparecer o interesse de Holmes em Irene Adler mesmo que seja demonstrado de forma subjetiva, ou que as intenções de Holmes não sejam atribuídas ao sentido de relacionamento amoroso. Mas mesmo que não queira evidenciar tal sentimento, é fato que Irene é a mulher por quem Holmes possa ter se apaixonado. Do mesmo modo é enfatizado ao decorrer da série que Lisa Cuddy é a única mulher que tem o apreço do médico; mesmo com outras mulheres sendo apaixonadas por ele, como a Dr^a Allison Cameron, personagem interpretada pela atriz Jennifer Morrison.

Inicialmente, Allison mantém uma paixão por House, mas não demonstra, eles marcam um encontro em um restaurante, mas o relacionamento não prospera. A médica possui um comportamento contrário ao de House ao lidar com as pessoas, pois ela é sensível e tem grande empatia pelas pessoas, gosta de ajudar, além de querer cuidar das dores físicas e emocionais do médico já que o mesmo sente constantemente dores em uma das pernas e por isso se tornou viciado em Vicodin, porém Allison decide que não pode mais continuar gostando de House.

Cuddy por outro ângulo, sempre esteve presente nos momentos de House, eles se conheceram na faculdade e ela esteve todo tempo tentando suportar as negligências dele como médico e como pessoa, ela também o amava, porém não deixava que o sentimento predominasse. E assim, como era representado um amor subjetivo entre Holmes e Adler, também se fazia entre House e Cuddy.

Figura 4: House e Lisa Cuddy conversando no elevador



Fonte: IMDb FREEDIVE⁷

Pode-se notar as semelhanças até mesmo nos nomes dos personagens, além de fatores cognitivos e comportamentais, pode-se afirmar que o nome House já tenha sido inspirado em Holmes. Pois, David Shore, criador da série, já afirmou ser fã das histórias de Holmes. Sendo assim, outros fatores podem ser evidenciados, como, por exemplo, o fato de ambos serem viciados em drogas: o detetive faz consumo de cocaína e ópio explicitamente; já House viciou-se em analgésicos e faz uso constante de Vicodin, em decorrência de fortes dores que sente na perna.

Além do mais, nas histórias de Sherlock Holmes os acessórios que o caracterizam é um boné, uma lupa e um cachimbo, já House, faz uso de bengala. Apesar de ser médico, House chama atenção por seu modo de se vestir, pois mistura terno com roupas casuais.

⁷ Disponível em:
<https://www.imdb.com/title/tt0606035/mediaindex?refine=nm0491402&ref_=ttmi_ref_nm>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

Figura 5: House fazendo uso da bengala Figura



Fonte: IMDb FREEDIVE⁸

Figura 6: Sherlock Holmes com seus acessórios



Fonte: iStock⁹

A relação de amizade fiel também se faz presente tanto na obra literária quanto na obra audiovisual. Nos contos, Sherlock Holmes está acompanhado de seu amigo com quem dividiu o apartamento por anos, até o mesmo casar e voltar a

⁸ Disponível em:

<https://www.imdb.com/title/tt0606035/mediaindex?refine=nm0491402&ref_=ttmi_ref_nm>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

⁹ Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/fotos/sherlock-holmes?assettype=image&sort=mostpopular&mediatype=photography&phrase=sherlock%20holmes>>. Acesso em 26 de maio de 2019.

exercer a profissão de médico. As próprias histórias de Holmes são narradas pelo Dr. John Watson e estão juntos em diversas aventuras do detetive.

Na série, o amigo mais próximo de House é o Dr. James Wilson que, ao contrário de House, não é antissocial, é mais ético e direciona-se para as pessoas de maneira educada e gentil. Assim como Dr. Watson que casou duas vezes, o Dr. Wilson já passou pela experiência de alguns relacionamentos e ambos são mais sentimentais em relação aos protagonistas aqui mencionados.

Ultimamente tenho visto Holmes poucas vezes. Casei-me, e por isso não nos podíamos encontrar tão freqüentemente como antes. Minha completa felicidade e os interesses caseiros que começam a crescer ao redor do homem que se tornou dono do seu próprio estabelecimento eram bastantes para absorver toda a minha atenção, enquanto Holmes, que detestava qualquer espécie de sociedade com toda a sua alma boêmia, continuava nos nossos alojamentos da Baker Street, enterrado no meio dos seus velhos livros, alternando a leitura e o confronto dos anais do crime no mundo inteiro com as experiências químicas. (DOYLE, 1891)

É possível notar através desta citação, que Holmes e Watson não se veem diariamente como antes era, Watson está casado e reside em um novo endereço, enquanto Holmes, está na mesma localidade, no mesmo apartamento fazendo as mesmas coisas de sempre, porém é perceptível o conhecimento a respeito do amigo, Watson é uma das únicas pessoas com quem Holmes mantém contato e partilha momentos.

Figura 7: House e Wilson



Fonte: Fanpop.com¹⁰

¹⁰ Disponível em: < <http://www.fanpop.com/clubs/house-md/images/1132124/title/pilot-photo>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

Sherlock Holmes gosta de música e muitas vezes é o que o deixa mais calmo, enquanto House opta por assistir a sua novela sobre hospital preferida. Os dois também partilham de talentos com instrumentos musicais, Holmes toca violino e House toca guitarra e piano. No primeiro episódio da série House M.D. o soundtrack é uma das músicas da banda inglesa *The Rolling Stones* e o título da música é “You can’t always get what you want”, que significa você não pode ter sempre o que quer. Ela é mencionada por House no início do episódio e pode-se atribuir ao conto “Um Escândalo na Boêmia”, pois, ao finalizar a história, Holmes gostaria de tê-lo solucionado e também em relação a Irene, uma vez que ela não pode ser dele. No final, ele não tem o que quer, mas tem o que precisa. Pode ser enfatizada a relação com a cultura inglesa, pois Holmes era britânico, o ator que interpreta House (Hugh Laurie) também é britânico, e a cultura norte-americana onde nasceu Irene Adler mar o local onde se passa o seriado.

São muitos os elementos intertextuais explícitos na série influenciados pelas obras de Doyle, alguns desses já citados, são capazes de transmitir para o leitor a influência e importância que uma obra apresenta acerca de outra, possibilitando uma visão ampliada acerca de uma leitura e através das adaptações concede-se a oportunidade de fazer novas leituras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste artigo, podemos concluir que é prática comum na literatura o ato de comparar, levando em consideração que muitos textos refletem diretamente a relação de outros textos dialogando entre si, adequando-se ao conceito de intertextualidade criado por Julia Kristeva e que vem se transformando no decorrer dos anos.

Podemos perceber e comparar esses elementos intertextuais em duas obras criadas em contextos, épocas e formatos distintos, no clássico de Arthur Conan Doyle e na criação em formato de série de David Shore. Foram evidenciadas as semelhanças e distinções existentes entre os dois personagens, a forte influência das histórias de Doyle, inseridas nos episódios da série norte-americana.

As aventuras do detetive Sherlock Holmes foi o objeto de inspiração para o médico House, e nos permitiu tomar conhecimento que ter como exemplo uma referência em obra literária para a construção de outra obra ou outro formato de

mídia, não o torna menos original ou atraente ao público. Mas pode servir como forma de abranger os conhecimentos, de modo que são expostos outros recursos e temáticas, como no caso de Holmes e House que, enquanto um investiga casos criminalistas, o outro investiga causas de doenças.

REFERÊNCIAS

BUESCU, Helena Carvalhão. Grande angular. **Comparativismo e práticas de comparação**. Lisboa: Gulbenkian/FCT, 2001.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo : Ática, 2006.

ECO, Umberto. **Os Limites da Interpretação** (Trad. de Pérola de Carvalho), São Paulo: Perspectiva, 1995, 315pp. (Coleção Estudos).

GOMES, Marcela da Costa. **Elementar, meu caro Watson: Sherlock Holmes e o paradigma indiciário**. 2016. 25 f. Artigo (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História).

KRISTEVA, Julia (1969). **Introdução à semiótica**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANDERS, A. **The short oxford history of English literature**. Oxford University Press, 1994.

DOYLE, Arthur Conan. **Um Escândalo na Boêmia**. 1891. Disponível em: <https://mundosherlock.wordpress.com/canon_e/arthur-conan-doyle-as-aventuras-de-sherlock-holmes-1892/um-escandalo-na-boemia/>. Acesso em: 20 de maio de 2019

SOUZA, Wender Marcell Leite. **A Literatura Como Diálogo: Um percurso histórico do intertexto**. s.d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/110.pdf><. Acesso em: 02 de maio de 2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me guiar e proteger a todo instante e pelo discernimento concedido.

Aos meus pais, Ana Kássia da Silva Cabral e Almir Cabral da Silva e meu irmão Jonathas Davi Cabral Silva, por todo amor, dedicação e incentivo e aos familiares que me apoiaram.

À professora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus amigos em especial, companheiros de classe Thâmires e Thiago.